



Internacionalização da Educomunicação: desafios metodológicos na relação Curitiba-Maputo

Guilherme Carvalho
Evanise Rodrigues Gomes
Toni André Scharlau Vieira

1. INTRODUÇÃO

Fundado em 2003 como um programa de Extensão do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (DECOM/UFPR), o Núcleo de Comunicação e Educação Popular surgiu vocacionado para trabalhar com educomunicação. A primeira coordenação coube à professora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, que tratou de orientar as atividades no sentido de atender entidades públicas ou sem fins lucrativos, na perspectiva de levar à comunidade a contribuição social da universidade pública.

Após mais de 10 anos de trajetória dentro da Comunicação Popular e da Educomunicação paranaense, obtendo reconhecimento de entidades como o Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo CEFURIA) e o Movimento Nacional de Pessoas em Situação de Rua MNPR), o NCEP inaugurou em 2015 a sua primeira atividade de nível internacional. Trata-se de um trabalho realizado junto a Universidade Eduardo Mondlane UEM), em Moçambique, cujos detalhes estão apresentados na sequência. No convênio firmado pela UFPR com a UEM tratou-se de introduzir atividades de Educomunicação na Escola de Comunicações e Artes (ECA), criando um núcleo de Extensão e Pesquisas nos moldes do NCEP.

O conceito de Educomunicação, compreendido aqui como metodologia, é aquele que se popularizou na década de 1980 especialmente no Brasil. Ou seja, o desenvolvimento acadêmico que busca dar visibilidade para as pesquisas na área de recepção crítica aos meios de comunicação. Dentre as principais referências da área estão Mario Kaplún (1998) e Paulo Freire (1996), ambos os pesquisadores que já trabalhavam em uma perspectiva de crítica aos monopólios de mídia, considerando a necessidade de uma educação libertadora desde a década de 1960.

Fazendo um recorte específico ao caso brasileiro, os professores Ismar Soares (2011) e Adilson Citelli (2000), do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, expandiram os estudos sobre a educomunicação apontando-a como

um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, [...] caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos

os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude. (SOARES, 2011, p. 15)

Para esses pesquisadores a educomunicação se revela como possibilitadora de renovação de práticas sociais que visam novas hegemonias. Soares (2011, p. 53), especialmente, mostra que os estudos podem significar uma forma de

produzir mudanças que respondam aos desafios apresentados pela sociedade atual, mobilizada por graves questões relacionadas à vida, à ética, ao planeta, ao trabalho, à convivência entre diferentes, à dignidade humana, entre outros temas. Mudanças que levem em conta um contexto mundial globalizado e de velocidade acelerada, com enorme impacto sobre as estratégias de aprendizagem e de construção do conhecimento.

Avançando pelo século XXI, os estudos apontam para novas conexões que permitem perceber o quanto a questão é complexa. Assim aprofundam-se conceitos como o de “ecossistema comunicativo” aplicado a educomunicação. Para Martin-Barbero (1996), o ecossistema comunicativo é um sistema difuso e descentrado, que desafia as instituições de educação, na medida em que propõe que se crie um cenário no qual o aprender não perca seu encanto como um processo de descoberta do mundo do saber e do pensar.

Nesse sentido, o desafio não se restringe ao ambiente escolar, ele toma outros espaços, e ganha novas dimensões. Esse processo pode ser entendido por como um novo sensorium em que surgem “**nuevas sensibilidades, otros modos de percibir, de sentir y relacionarse con el tiempo y el espacio, nuevas maneras de reconocerse y de juntarse**”¹ (MARTIN-BARBERO, 1996, p. 11). A partir dessa perspectiva, o ecossistema comunicativo se coloca como uma nova ambiência cultural que envolve a escola, mas também as associações, as famílias, os grupos de jovens, o bairro, os centros culturais, entre outros, formando um sistema próprio onde se processam os intercâmbios culturais, as identidades, as relações sociais e afetivas e a participação.

É nessa perspectiva que o trabalho do NCEP se apresenta, ou seja, como mediador de uma atividade de extensão universitária que pode criar uma nova ambiência em locais onde a adversidade aos direitos cidadãos são mais evidentes.

1 “Novas possibilidades, outros modos de perceber, de sentir e relacionar-se com o tempo e o espaço, novas maneiras de se reconhecer e de se reunir”.

Dessa forma, ao criar condições de uso para estruturas educacionais, o Núcleo quer contribuir para melhorar os processos, os intercâmbios culturais, as identidades, as relações sociais e afetivas e a participação social como um todo.

No ano de 2015, o NCEP contou com quatro parcerias consolidadas: Colégio Estadual Manoel Ribas, Escola Estadual Herbert de Souza (onde se desenvolvem projetos de educomunicação a partir da produção de programas de rádio-escola), Centro de Socioeducação de Fazenda Rio Grande, Cense, (onde se desenvolvem oficinas para a produção de programas em áudio), Movimento Nacional da População em situação de Rua, MNPR (no qual se contribui para a produção do jornal A Laje, voltado para a população em situação de rua de Curitiba), e Associação de Moradores da Vila Eldorado, onde se trabalha na produção do jornal comunitário Folha do Sabará, um impresso local. Além desses projetos, o NCEP também iniciou uma parceria com a Casa Latino-americana (Casla), onde são desenvolvidas oficinas que visam fomentar a comunicação entre migrantes. Outra parceria importante é a que está em andamento com a Escola de Comunicações e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA/UEM) de Moçambique, onde foi constituído um programa nos mesmos moldes do NCEP.

Neste artigo apresentamos o desenvolvimento metodológico das iniciativas educacionais e de comunicação popular desenvolvidas na região de Curitiba e de que maneira o programa estendeu-se para Maputo, onde também foi constituído um núcleo extensionista para o atendimento de expectativas que caminham paralelamente em duas cidades cujos países são lusófonos.

O que se apresenta é resultado do apoio institucional da UFPR, por meio de quatro bolsas cedidas pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec), da Fundação Araucária, que financiou outras 3 bolsas, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), que financiaram o projeto internacional.

2. POR UMA METODOLOGIA INTERNACIONALIZADA

Embora todos os projetos tenham um valor inestimável, o que está sendo desenvolvido em território africano ganhou uma atenção especial. O então

coordenador do NCEP, Toni André Scharlau Vieira, realizou os contatos e produziu o projeto em conjunto com a professora Evanise Rodrigues Gomes.

Submetido à CAPES em dezembro de 2013, o projeto foi aprovado para iniciar em abril de 2014. Em função de atrasos operacionais os trabalhos só começaram em julho, mas a operacionalização acontece de fato após a ida dos professores para Maputo, capital de Moçambique, em agosto de 2014. O primeiro grande evento se deu no início de 2015 com a vinda de três estudantes moçambicanos para o Brasil e a ida de cinco alunas da UFPR para Moçambique.

A principal proposta do projeto era levar os conceitos de educomunicação para Moçambique e criar um projeto junto à Escola de Comunicações e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA/UEM). Nos moldes do NCEP/UFPR, deu-se início à criação de um núcleo que pudesse prestar serviços à comunidade, produzir atividades de estudos, extensão e pesquisa universitária, instituindo uma maior presença da ECA/UEM junto à população de Maputo.

Um dos maiores educadores do século XX, o brasileiro Paulo Freire, apontou que a educação só é possível enquanto ação comunicativa (FREIRE, 2005). Para ele, educar não pode ser pura transmissão de saberes, ao contrário, precisa ser uma troca entre sujeitos interlocutores, dialogantes. Com a criação do Núcleo de Educação e Comunicação Social (NECS) a ECA/UEM implantou essa linha de raciocínio com todo o vigor e proporcionava aos alunos e professores o acesso a uma nova metodologia, uma nova forma de estabelecer relações com a sociedade, como todas as instituições de ensino devem fazer.

A partir do entendimento sobre a necessidade do diálogo entre Comunicação e Educação, defendido em especial por Freire (1996), se entende que um método de trabalho educomunicativo deve concentrar um grande esforço para realizar uma ação educativa, sobretudo, em territórios onde não existe nenhuma tradição, nesse sentido, e compreendendo que se trata de um trabalho onde a comunicação será um componente do processo educativo. Pensando dessa maneira, a comunicação deixa de ser algo puramente midiático, com função instrumental, e passa a integrar as dinâmicas formativas.

Esse é o ecossistema comunicativo, de que trata a educomunicação. Ele precisa ser construído de forma que favoreça o diálogo social, aberto, democrático e criativo, como metodologia de ensino-aprendizagem. Será uma forma de criar um ecossistema educacional e, nesse projeto, visa proporcionar integração e conhecimento entre as crianças de escolas públicas de Maputo, considerando uma série de desafios, já presentes na maior parte dos atuais projetos educacionais, conforme descrito a seguir:

A situação e a preocupação dos estudantes de hoje mudaram. Hoje, os estudantes se encontram no dilema de escolher entre o que deles se pede, que é preparar-se para competir no mercado profissional, e o ímpeto de sua empatia social, que os leva a desejar mudar uma ordem político-cultural geradora de excessivas desigualdades, que trazem pobreza e sofrimento material e espiritual. (MATURANA, 1998, pp. 12-13)

O movimento de desejar mudar a ordem, certamente, se desperta pela reflexão sobre a educação e sobre a produção comunicativa de um povo. Essa é justamente a principal proposta desse projeto.

Diante dessa realidade torna-se urgente que os educadores preocupem-se com a ampliação do diálogo em sala de aula sobre os meios de comunicação, com os produtos informativos que os alunos consomem a partir destes meios, principalmente os estudantes de Comunicação Social. Não é mais possível ignorar que os estudantes se educam e adquirem mais informações através do discurso dos veículos de comunicação do que nas salas de aula.

Antes de criticar e culpabilizar os meios de comunicação os educadores devem entender os hábitos e raciocínios dos alunos e propor o diálogo. Significa que se há um alto consumo dos discursos produzidos pelos jornais, televisões, rádios e internet, os educadores precisam utilizar esses recursos como possibilidades educadoras.

Assim, é preciso buscar educar através da comunicação, comunicar através da educação. As áreas devem ser entendidas como possíveis\passíveis de complementaridade. A proposta principal é refletir sobre como o profissional de comunicação pode contribuir para melhorar os processos educativos em geral.

Não é somente uma questão de escola, de infraestrutura ou de política pública, é algo do nível da sensibilidade dos sujeitos.

Trabalhar na perspectiva de aproximar os meios de comunicação com o universo dos aprendizados nas escolas significa contribuir para a construção de uma nova perspectiva de ensino e aprendizagem, transformando a escola em um espaço de criação, permitindo que as disciplinas curriculares ganhem outras dimensões quando abordadas em meio ao desafio da pesquisa, do trabalho coletivo e da produção de peças de comunicação.

Portanto, esse projeto, que amplia também as relações acadêmicas entre Brasil e Moçambique, se justifica em função dos avanços da área de Educomunicação no Brasil e no mundo, além dos motivos já apresentados, pela necessidade urgente de se adotar ações efetivas no sentido de melhorar as relações interpessoais, dialogando com o discurso midiático, e usando os meios de comunicação como possibilitadores de uma educação mais sedutora, mobilizadora e, também, no desenvolvimento de cidadãos mais críticos. Essa crítica, inclusive, deve proporcionar o surgimento de consumidores dos meios de comunicação mais exigentes, fazendo com que os produtores de conteúdo tenham que melhorar os seus produtos.

Quando focamos no trabalho desenvolvido em Maputo a partir da criação do NECS isso fica muito claro. Um exemplo disso foi a realização de um grupo focal envolvendo os alunos membros do NECS e uma dezena de pessoas da comunidade para analisar os níveis de percepção sobre os critérios éticos praticados pelos meios de comunicação moçambicanos. A atividade foi realizada em novembro de 2015 e deixou um saldo muito positivo já que ao final da atividade todos avaliaram que houve um crescimento e uma maior percepção sobre a forma como os meios de comunicação atuam.

Tanto alunos como as pessoas da comunidade que participaram do grupo focal manifestaram-se elogiando a atividade e pedindo mais oportunidades como aquela. Essa foi uma pequena experiência realizada em associação com o Centro de Estudos em Comunicação (CEC), entidade que reúne pesquisadores moçambicanos e desenvolve trabalhos a partir de parcerias com embaixadas e outros órgãos internacionais.

Portanto, além de alavancar os estudos e o desenvolvimento de ações na comunidade utilizando a educomunicação como principal ferramenta, a criação do NECS também possibilitou o estabelecimento de diálogos da ECA/UEM com pesquisadores e com a sociedade de uma maneira geral. A parte mais visível disso, no entanto, foi o trabalho nas escolas e o reconhecimento da Direção de Educação de Maputo, equivalente a uma Secretaria de Educação no Brasil.

A implantação do NECS se deu no início de 2015. Ela contou com a colaboração direta de cinco alunas² da UFPR que estudaram e trabalharam junto com os alunos moçambicanos na UEM por quatro meses. Três moçambicanos fizeram o mesmo vindo ao Brasil. Orlando Maceda, Milton Langa e Cleyd Marinela são estudantes de Jornalismo na ECA//UEM e trabalharam intensamente de fevereiro a julho junto ao NCEP na UFPR. Eles participaram dos projetos junto a escolas e outras entidades, além de receberem uma formação em produção de áudio e vídeo.

Os dois grupos de alunos tiveram a oportunidade de conviverem alguns dias, já que as viagens de ida e volta não aconteceram no mesmo período. A parte mais valiosa foi o encontro de todos em Maputo com o NECS já criado e com a integração dos alunos moçambicanos ao trabalho após o período de vivência no Brasil.

Para a criação do NECS foram realizadas várias reuniões e seminários envolvendo os professores da ECA e pesquisadores que já haviam estudado no Brasil. Nas reuniões se destacava o desconhecimento de todos a respeito da área de educomunicação. No território africano há mais divulgação e pesquisas na área de Comunicação para o Desenvolvimento, que tem muitas conexões com a educomunicação. Tanto os alunos como os professores moçambicanos mostraram-se mais próximos da educomunicação e as conexões foram acontecendo tanto através de ações promovidas por personagens locais como por brasileiros convidados. Isso ficou patente durante o Seminário Nacional de Jornalismo e Ciências da Comunicação, realizado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane, em outubro de 2014. Em uma primeira participação como palestrante, o professor Toni André Scharlau Vieira pôde apresentar a proposta da educomunicação e as bases de uma

2 As cinco bolsistas são Flávia Scholz, aluna de Relações Públicas, Dayane Farinacio, Victória Tuler e Bruna Junkowski, alunas de Jornalismo e Tamyres Caroline Ferraz, aluna de Pedagogia.

proposta de trabalho em Moçambique. Ali já se desenhava uma identidade e se inaugurava a almejada aproximação entre brasileiros e moçambicanos tendo a educomunicação como ponte.

O principal fio condutor desse início de trabalho em educomunicação na ECA/UEM em Moçambique foi a noção da comunicação como um exercício de cidadania. Buscou-se uma educação para o consumo crítico dos meios, dialogando com autores e perspectivas já desenvolvidas no âmbito da pesquisa brasileira. Assim, tratou-se de dar destaque para pensamentos que apontam para a necessidade dos movimentos sociais e da cidadania serem “emissores de conteúdos próprios e gestores autônomos de meios a serviço das ‘comunidades’”. (PERUZZO, 2010, p. 4)

O projeto é extremamente relevante também em função da realidade contemporânea, tomada pela presença crescente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), com enorme potencial pedagógico a ser explorado. Em Moçambique verifica-se um crescente uso dos celulares, que contam com tarifas menores e serviços melhores que no Brasil. Para isso é necessário que haja uma capacitação de professores e orientação dos estudantes para tirar proveito do potencial das TIC's na educação. Na perspectiva de que os educadores podem e devem utilizar os meios de comunicação e as novas tecnologias como ferramenta pedagógica, orientou-se os alunos a experienciarem responsabilidades e exercitarem seus poderes de comunicadores, compreendendo, dessa forma, a necessidade do conhecimento para gerar conteúdo.

Se fizermos uma comparação sobre os níveis de implantação de políticas de e ações de Educomunicação no Brasil e em Moçambique, se poderá visualizar como os dois países agem e como se apresenta a chamada cooperação Sul-Sul. Especialmente nos governos Lula (2003-2010), houve uma valorização das relações do Brasil com o continente africano. Para Saraiva (2012), se percebe uma combinação de mudanças ideológicas e estratégicas introduzidas no governo do ex-presidente. Elas foram propostas como uma forma de ultrapassar o pensamento que havia de só valorizar o “norte”. Com habilidade política, o Brasil ampliou debates em instituições como as universidades, parlamento, grupos

afro-brasileiros, entre outros, que passaram a reconhecer a dívida histórica e moral do Brasil em relação à África (SARAIVA, 2012).

Esse projeto, portanto, quer aproximar as experiências brasileiras com as de Moçambique, compreendendo a necessidade de superar desafios que visem a construção de uma metodologia internacional. Imagina-se, pela relevância em ampliar a cooperação Sul-Sul no âmbito da Ciência da Comunicação e, de uma maneira mais particular, no âmbito da Educomunicação, que o NCEP e o NECS continuarão em sintonia e desenvolvendo parcerias para troca de experiências e desenvolvimento de pesquisas.

3. ATIVIDADES EM MOÇAMBIQUE

Nesta primeira fase do projeto de parceria entre o NCEP e o NECS, as escolas da região central de Maputo foram consideradas os locais ideais para atuação dos grupos, uma vez que a UEM não conta com bolsas ou auxílios para estudantes que fazem extensão universitária – o NECS é o primeiro projeto de extensão da universidade e muitos estudantes moram longe do campus de comunicação e não têm condições, principalmente financeiras, para o transporte em outras áreas da cidade unicamente para desenvolver o projeto.

Considerando as limitações financeiras, uma vez escolhidas as escolas da região central, os estudantes puderam se deslocar a pé da ECA/UEM, que fica no centro da cidade, até os locais onde o projeto está sendo desenvolvido. O projeto ainda está em fase de adaptação e ajuste, mas contou com a aprovação da Direção de Educação da cidade de Maputo para atuar nas escolas. As instituições que se mostraram interessadas em desenvolver um projeto de educomunicação com seus alunos foram: Escola Secundária Francisco Mayanga, Escola Secundária Estrela Vermelha, e Escola Secundária de Alto-Maé – escolas secundárias que recebem alunos a partir dos 13 anos até os 18 anos, em média. Para que as escolas tomassem conhecimento da proposta, os integrantes do NECS, incluindo as intercambistas brasileiras, fizeram visitas e conversaram com diretores gerais ou diretores pedagógicos.

Na fase atual (março de 2016), as equipes desenvolveram na Escola Primária do Alto-Maé um jornal mural intitulado “A Voz do Alto Mae”, produzido por crianças de 8 a 10 anos. As ações desenvolvidas durante os encontros foram planejadas com a participação das crianças, e os temas do jornal selecionados e redigidos por eles. A equipe de trabalho do NECS considera o planejamento, ou seja, o modo como são desenvolvidos os temas e ações com os grupos, uma atividade que, de acordo com Ismar Soares, exige uma metodologia na qual é necessário prever e planejar o conjunto de ações envolvidos nas práticas educacionais, e esse planejamento deve ser feito coletivamente (Apud GOMES, 2014, p. 92). Da mesma forma, a orientação teórico-metodológica precisa ser coerente e estar afinada com a fundamentação da área.

No que diz respeito aos estudantes envolvidos no processo é possível dizer que a experiência se diferencia daquilo que o currículo acadêmico moçambicano (em especial do curso de jornalismo da UEM) dispõe. Sierra (2014, p. 47) entende que o jornalismo pode ser: “um instrumento de mediação cooperativa e elemento estratégico que, em qualidade de ‘fator de grupo’, favorece a aprendizagem ativa e a cooperação dinâmica no processo de aquisição de conhecimento”.

Desse modo se constrói a oportunidade dos estudantes atuarem como mediadores culturais capazes de compreender a realidade dos envolvidos e ajudar a transformá-la através da educação. Dessa forma alinha-se ao pensamento de Paulo Freire que defendia uma educação dialógica, ou seja, que dê vez e voz aos educandos, que se oponha ao simples ajustamento social, mas que seja comprometida com a efetiva participação dos sujeitos superando a lógica da educação “bancária”, “tradicional”.

Percebemos que a educação no contexto moçambicano requer mais investimento no material humano, na pesquisa e no diálogo da universidade com as comunidades escolares, através de projetos de extensão. Para Rocha (2011, p. 347) na sua reflexão sobre o papel das universidades no processo de integração moçambicano “é importante que se retome a essência original do conceito de ‘serviço a comunidade’, traduzindo assim o papel das universidades e dos seus agentes na contribuição para a solução dos muitos problemas da sociedade em que se inserem”.

A realidade do país, que deixou de ser colônia portuguesa há 40 anos revela uma carência de propostas inovadoras para repensar o sistema de educação. Rocha defende que: “a ausência de comunicação e de colaboração entre organismos de ensino e formação aos diferentes níveis emerge como o principal obstáculo ao acesso das pessoas à educação e à formação e também a mobilidade dos cidadãos” (idem, p. 339).

Também é preciso ter em vista que as salas de aula das escolas públicas de Maputo comportam aproximadamente 50 alunos, onde apenas um professor é responsável pelo grupo, as instalações escolares são precárias (janelas sem vidro, lixo a céu aberto, falta de água e energia) que influenciam na qualidade de ensino, no rendimento escolar.

As dinâmicas desenvolvidas pelo NECS se defrontam com este panorama que requer um aprofundamento teórico-metodológico que seja capaz de ampliar a participação e a autonomia de crianças e jovens moçambicanos, bem como contribuir com o relacionamento docente-discente e na ampliação da investigação na área de extensão universitária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses trabalhos o NCEP e o NECS mostram que o desafio na formação profissional de um comunicador não está só no desenvolvimento de habilidades específicas e na familiarização com os meios de comunicação. Seguindo o método participativo, o comunicador deve ser pensado também como um agente capaz de criar estratégias para a democratização do acesso à informação e ao conhecimento e também como um mediador entre as demandas populares e o espaço público. Soma-se a isso a compreensão de que a universidade deve contar com um trabalho de extensão que perceba a importância da comunicação para a formação cidadã e tendo como princípio a contrapartida social que deve fazer parte de qualquer instituição pública. De qualquer modo as atividades ainda estão se consolidando, caso do NCEP ou iniciando, no NECS.

Nos projetos de educomunicação desenvolvidos nas escolas de Maputo observa-se a consolidação de parcerias e uma atuação que se enquadra em uma perspectiva da gestão da comunicação em espaços educativos. Nesse sentido,

prevalecem as atividades “oficineiras” com alunos que têm condições de dominar ferramentas e técnicas de comunicação e que passam a perceber a comunicação como um espaço de expressão nas comunidades em que estão inseridos. Problemas estruturais, como falta de equipamentos adequados, ou dificuldades culturais dos alunos participantes têm sido superados pontualmente por meio das avaliações e busca de alternativas nas reuniões semanais dos núcleos.

Com a constituição do NECS, em Maputo, nos moldes do que é desenvolvido pelo NCEP, em Curitiba, percebe-se que o programa tem ganhado relevância, uma vez que se constitui como modelo a ser seguido em outras instituições. Mais que isso, por meio do NCEP é possível promover o intercâmbio cultural entre alunos de diferentes continentes, uma iniciativa que enriquece o aprendizado e que pode ser utilizada para aplicação nas realidades com as quais os estudantes têm acesso como atividades educomunicativas.

Já os projetos voltados para a comunicação popular, além de cumprirem um papel social importante por meio do uso de ferramentas de comunicação em comunidades e grupos marginalizados ou desprovidos de voz coletiva, também se constitui como instrumento pedagógico para os envolvidos. Com o apoio dos participantes do NCEP, estes grupos têm acesso a técnicas de comunicação e ao processo de produção de conteúdos, visando o cumprimento de um processo comunicacional.

O trabalho desenvolvido cumpre também um importante papel para os estudantes de graduação que participam do programa. Além do aprendizado na elaboração de metodologia para repassar conteúdo apreendido, eles também passam a conhecer novas realidades por meio do contato com um público específico. A compreensão dos modos de se comunicar em comunidades específicas, as condições, na maioria das vezes, precárias, permitem que os estudantes tenham a percepção mais particularizada dos problemas sociais e de como a comunicação pode ser útil para contribuir com a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

Em Moçambique observa-se que os processos educomunicativos têm muito a contribuir com o estreitamento de relações entre países que possuem tanto em comum em termos históricos, culturais, linguísticos, como Brasil e

Moçambique. Há que se buscar a ampliação de trabalhos como esse, pensando, que a educomunicação é

um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, (...) caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude. (SOARES, 2011, p. 15).

Desde já a experiência de implantação do NECS na Escola de Comunicações e Artes em Maputo se coloca como uma importante contribuição. É ainda um pequeno passo, mas é um começo rumo à construção de uma metodologia internacionalizada da educomunicação.

5. REFERÊNCIAS

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 43^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

GOMES, Evanise Rodrigues. **A Educomunicação e o Fortalecimento de Vínculos Sociais e Afetivos: a experiência nos centros de referência de assistência social de Curitiba**. Curitiba: UFPR, 2014. 176 p. (Dissertação de mestrado em Comunicação) Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

KAPLÚN, Mário. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

MARTÍN-BARBERO, J.M. **Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación**. In: **Nómadas**. Bogotá, septiembre de 1996, n 5, p. 10-22.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ROCHA, Aurélio & RODRIGUES, Eugenia, NASCIMENTO, Augusto. **Moçambique: Relações Históricas Regionais e com países da CPLP**. 1ª. Ed. Maputo: Alcance Editores, 2011.

SARAIVA, de José Flavio Sombra. **África Parceira do Brasil Atlântico – Relações Internacionais do Brasil e da África no início do Século XXI**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012.

SIERRA, Francisco. **Introdução à Teoria da Comunicação Educativa**. Trad. Daniela Garrossini & Flavia Beatriz Werneck. Brasília: Verbena, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. Paulinas, 2011.

•• AUTORIA ••

Guilherme Carvalho – Professor doutor da UFPR, graduado em Jornalismo e vice-coordenador do NCEP. E-mail: guilhermegdecarvalho@hotmail.com.

Evanise Rodrigues Gomes – Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade Eduardo Mondlane. E-mail: izzi.gomes@gmail.com.

Toni André Scharlau Vieira – Professor doutor da UFPR, graduado em Jornalismo ex-coordenador do NCEP e coordenador do intercâmbio com a Universidade Eduardo Mondlane. E-mail: toniandre@gmail.com.